

Kierkegaard não era kierkegaardiano: reflexões à moda de Kierkegaard

Camila Hochmüller¹
cmhochmuller@hotmail.com

Nunca um autor já é em si mesmo uma Escola. As Escolas surgem após o autor. Ele próprio permanece sempre, enquanto vivo, como gerador daquilo que mais tarde poderá vir a ser uma Escola. E mesmo depois, quando já falecido, apesar da invariabilidade de sua condição, ainda assim também não é uma Escola, pois em vida permaneceu gerando, elaborando, transformando seu pensamento. Tomo aqui a liberdade de usar a expressão “Escola” num sentido leigo, para designar todo e qualquer pensamento que se desenvolve numa espécie de continuidade com aquilo que foi proposto pelo autor seguido. Feitas tais considerações, fica-nos óbvio o motivo pelo qual Kierkegaard não pode ser considerado um kierkegaardiano. Entretanto, para além de uma tal obviedade, há ainda alguns aspectos a serem abordados no tocante a essa questão; alguns conceitos centrais no pensamento de Kierkegaard devem ser levados, ainda que rapidamente, em consideração.

Bem sabemos da dificuldade existente no estudo das obras de Kierkegaard em decorrência de seu recurso à comunicação indireta, valendo-se também da ironia e da maiêutica socráticas. A divisão de suas obras em veronímicas e heteronímicas, bem como em escritos estéticos e escritos ético-religiosos ou escritos éticos e escritos religiosos (para além dos estéticos), acentua ainda mais essa dificuldade. Por essa razão, sem ignorarmos um tanto desta configuração, adotamos aqui como texto-base para nosso trabalho a obra intitulada *Ponto de vista explicativo de minha obra como escritor*, atentando, especialmente, para o *Apêndice*, o qual contém as “Duas ‘notas’ a respeito de minha obra de escritor” sob o título *O indivíduo*. Essa escolha dá-se em função de crermos encontrar no referido texto o parâmetro mais preciso, dado pelo próprio Kierkegaard, para o todo de sua obra. Evidentemente essa escolha nos põe em risco, pois se trata de um autor paradoxal, indireto e irônico. Contudo, abandonar o recurso, a decisão por todo e qualquer parâmetro, gera inevitavelmente um esvaziamento dos próprios conteúdos pelos quais Kierkegaard empenhou sua vida. Ao fim e ao cabo, adotar uma posição assim caracterizada leva a um ceticismo que é um fim em si mesmo. Toda a proposta

¹ Doutoranda em Filosofia - PUCRS.

kierkegaardiana passa, então, a se configurar como um mero devaneio, ainda que engenhoso e peculiar, que não leva a lugar algum. Perdemos, então, o essencial justamente por nos atermos em demasia à forma e ao método.

Como o próprio título do *Apêndice* indica, o conceito de Indivíduo tem um espaço central dentro de seu pensamento, seja implícita ou explicitamente. Em oposição a este conceito está o conceito de “multidão”.

Cada uma das minhas obras pseudônimas apresenta de uma ou de outra maneira a questão do “Indivíduo”; mas aí encontra-se o Indivíduo sobretudo no plano estético; está lá o Indivíduo no sentido eminente de espírito distinto, etc. Cada uma das minhas obras edificantes apresenta também, do modo mais oficial possível, a questão do “Indivíduo”; mas ele é aí o que todo homem é ou pode ser. O ponto de partida dos pseudônimos reside, com efeito, na diferença interindividual em matéria de inteligência, de cultura, etc.; o ponto de partida dos discursos edificantes reside no edificante, quer dizer, no caráter humano em geral. Mas este duplo caráter constitui justamente a dialética do “Indivíduo” (Kierkegaard, s. d., p. 106).

A multidão compõe-se, de fato, de Indivíduos; deve estar, portanto, ao alcance de cada um tornar-se no que é, um Indivíduo; absolutamente ninguém está excluído de o ser, exceto quem se exclui a si próprio, tornando-se multidão. Tornar-se multidão, reunir à sua volta a multidão, é pelo contrário a diversidade da vida; mesmo quem disso fala com as melhores intenções corre facilmente o risco de ofender o Indivíduo. Mas a multidão reencontra então o poder, a influência, a consideração e a soberania – e é também a diferença da vida que, soberana, despreza o Indivíduo como sendo o fraco e o impotente e que, no plano temporal e mundano, despreza a verdade eterna que é o Indivíduo (Kierkegaard, s. d., p. 102).

Entretanto, mesmo essa questão “Indivíduo-multidão” possui um contexto específico, no qual adquire a plenitude de seu sentido, qual seja, o de inserir o cristianismo na cristandade. Sendo assim, para além da esfera política, da esfera social, da esfera intersubjetiva, há ainda o espaço em que a questão do Indivíduo é posta solitariamente diante de Deus, isto é, tanto enquanto indivíduos que realmente assumem sua individualidade, sua responsabilidade quanto enquanto indivíduos que se dissolvem em meio à multidão homogênea, cada um encontra-se sozinho diante de Deus. Bem sabemos a circunstância em que se encontrava Kierkegaard, qual era a situação religiosa da Dinamarca de seu tempo: todos eram cristãos, ainda que não possuindo um relacionamento pessoal com Cristo.

Toda pessoa dotada de um pouco de discernimento que considere com seriedade o que se chama a cristandade, ou o estado de um país dito cristão, deve, certamente, bem depressa cair numa grande perplexidade. Que significa que tantos milhares de homens se digam cristãos sem mais dificuldades! Como podem obter esse nome inúmeros homens, cuja imensa maioria, segundo tudo leva a crer, vive sob categorias tão diferentes, como o demonstra a mais superficial observação! Como o podem eles, homens que talvez nunca vão à igreja, nunca pensem em Deus, nunca pronunciem o seu nome, senão para blasfemar! Como o podem eles, homens que nunca compreenderam que podem ter na sua vida uma obrigação para com Deus, e que fazem de uma certa integridade física o máximo do seu ideal, se nem mesmo a acham absolutamente necessária! Todos, no entanto, até os que negam a Deus, são cristãos, dizem-se cristãos, são reconhecidos como cristãos pelo estado, são enterados como cristãos pela Igreja, são enviados como cristãos para a eternidade! (Kierkegaard, s. d., p. 37-38).

E, agora, já não sou nada interessante. Que a idéia fundamental de toda a minha obra seja *realmente* tornar-se cristão: que coisa mais aborrecida! (Kierkegaard, s. d., p. 84).

Sendo assim, já um tanto sabedores da intrincada e, por vezes, polissêmica rede argumentativa, bem como da problemática circunstância na qual se encontra inserida, podemos tomar os textos e o pensamento de Kierkegaard em geral de dois modos distintos, isto é, à maneira de uma Escola, como kierkegaardianos, ou então como a expressão de uma missão comprometida com o Eterno. E o que isso tem a ver com os dois conceitos centrais aos quais nos referimos anteriormente (os conceitos de Indivíduo e multidão)? Pensamos que tem tudo a ver.

No caso de tomarmos o pensamento de Kierkegaard à moda de uma Escola, deixamos então de lado a tão relevante dimensão existencial que suas obras propõem, pois a finalidade mesma com que tais textos foram redigidos passa a ter uma importância secundária diante da forma e do método utilizados. Recebemos suas obras com as mãos trocadas, tal como ele próprio relata a recepção de seus contemporâneos. Desse modo, seu pensamento torna-se um fim em si mesmo. Encerra-se sobre si em seu âmbito teórico. Perde-se, então, aquilo que há de verdadeiramente mais importante, ou seja, o tornar-se cristão. E, enquanto “Escola”, enquanto uma estranha espécie de “discípulos” de Kierkegaard, nos dissolvemos na multidão daqueles que concordam uns com os outros e então estabelecem “a verdade”.

Por outro lado, caso tomemos o pensamento de Kierkegaard como a expressão de sua missão para com o Eterno, então a dimensão existencial que ali nos está proposta torna-se efetivamente o cerne da questão, com tudo o mais orbitando ao redor disso. Forma e método não se tornam irrelevantes, mas, ao contrário, adquirem sua real grandeza à luz daquilo que realmente importa, isto é, o conteúdo, a finalidade em vista da qual toda a obra foi produzida. Recebemos, então, as obras com as mãos certas. Seu pensamento deixa de ser um fim em si mesmo para tornar-se um meio. Seu âmbito teórico torna-se apenas um dos âmbitos, não “o âmbito”. O tornar-se cristão não mais é perdido. E, em lugar de continuadores de uma “Escola”, em lugar de “discípulos” de Kierkegaard (ou kierkegaardianos, como comumente falamos e ouvimos falar), nos separamos da multidão e nos deparamos como Indivíduos diante da Verdade.

Pensando nisso é que estabelecemos o título do presente trabalho, *Kierkegaard não era kierkegaardiano: reflexões à moda de Kierkegaard*. Kierkegaard não se propunha como um novo grande pensador a ser seguido, mas sim como uma espécie de indicador de um caminho que, ainda que tomado por conhecido e evidente por muitos, nada tem de evidente nem de conhecido até que se decida vivê-lo (lembremos, pois, do Moria de Abraão, tão citado em *Temor e tremor*). Sendo assim, não somente pelo fato de não poder ser identificado com uma Escola, tal como acentuamos no princípio deste texto, Kierkegaard não era um kierkegaardiano no sentido mais próprio do termo, ou seja, não se tinha a si mesmo na mais alta conta a ponto de servir-se de mestre a si mesmo. Admiti-lo assim é, em verdade, e ousamos aqui dizê-lo, refletir à moda de Kierkegaard. Não o admitir assim é, por outro lado, assumir sua missão como um fracasso, recebendo sua forma em lugar de seu conteúdo, ou ainda, conceber o ético-religioso como o estético.

Em vistas disso, nosso trabalho não possui, portanto, um tema específico dentro do amplo universo de possibilidades que o pensamento de Kierkegaard nos oferece, mas trata-se de uma metacrítica à própria tematização que dele fazemos. Mais do que uma reflexão sobre um objeto específico, trata-se de uma proposta de reflexão sobre aquele que reflete sobre os objetos específicos. Num certo sentido, trata-se, pois, novamente de um retorno ao Oráculo Delfico: “Conhece-te a ti mesmo”.

Tu que falas assim, põe-te a pergunta: ousas defender que os homens tomados em multidão estão tão prontos a procurar a verdade, de gosto por vezes amargo, como a mentira sempre apetecível, quando, por acréscimo, a procura da verdade inclui a confissão de que nos deixávamos enganar! Ou atreves-te apenas a defender que “a Verdade” é de uma compreensão tão fácil como a mentira, que não exige nenhum prévio conhecimento, nenhum estudo, nenhuma disciplina, nenhuma abstinência, nenhuma renúncia a si, nenhuma honesta preocupação por si, nenhum trabalho lento! Não, “a Verdade” que também sente horror pela falsidade senão a de se expandir, não se levanta tão depressa. Em primeiro lugar, não pode agir pelo fantástico, que é falso; só é transmitida por um homem na sua qualidade de Indivíduo. Por conseguinte, a sua comunicação dirige-se ainda ao Indivíduo; pois a maneira de considerar a vida que o Indivíduo representa é justamente a verdade. Não pode ser transmitida nem recebida senão sob o olhar de Deus, a não ser pelo auxílio de Deus, que é o intermediário, tal como é a Verdade. Só pode, pois, ser transmitida e recebida pelo “Indivíduo” que, no fundo, poderia ser cada um dos vivos; a verdade não se determina senão opondo-se ao abstrato, ao fantástico, ao impessoal, à “multidão”, ao “público” que exclui Deus como intermediário (porque o Deus *pessoal* não pode ser intermediário numa relação *impessoal*) e, por conseguinte, também a Verdade, porque Deus é a Verdade e o seu intermediário (Kierkegaard, s. d., p. 101).

Eis que temos, então, um texto inconcluso, o qual depende de cada um para sua respectiva conclusão.

Referência

KIERKEGAARD, S. s. d. *Ponto de vista explicativo de minha obra como escritor*. Lisboa, Edições 70, 181 p.